

AGROECOLOGIA COMO PRÁXIS: PROTAGONISMO FEMININO E PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA NO ASSENTAMENTO BERNARDO MARIN II

AGROECOLOGY AS PRACTICE: FEMALE LEADERSHIP AND AGROECOLOGICAL PRODUCTION IN BERNARDO MARIN II SETTLEMENT

Andrezza Mendes Ribeiro

Graduanda do curso de Engenharia de Alimentos pela Universidade Federal do Ceará
andrezzamrcontato@gmail.com

Maria Lúcia de Sousa Moreira

Professora do Departamento de Economia Agrícola da Universidade Federal do Ceará
malu.jmc2@gmail.com

Claudio Eduardo Magalhães de Castro

Graduando do curso de Engenharia de Alimentos pela Universidade Federal do Ceará
eduxce.13@gmail.com

Antonia Karoline Lisboa da Silva

Mestranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal do Ceará
karollisboa1441@gmail.com

Lara Louise de Souza da Silva

Agrônoma e Graduanda do curso de Serviço Social na Universidade Estadual do Ceará
lara.louise@aluno.uece.br

Grupo de Trabalho (GT): GT05 – Produção orgânica, agroecologia e agroextrativismo

Resumo: Este estudo apresenta reflexões a partir de vivência realizada no Assentamento Bernardo Marin II, em Russas-CE, enfatizando a agroecologia como práxis articuladora de saberes tradicionais, ciência e reforma agrária. Objetivou-se compreender experiências de produção agroecológica com enfoque em gênero e segurança alimentar. Utilizaram-se como metodologia observação participante e entrevistas abertas. Destacou-se o apiário Flor do Campo como modelo de manejo sustentável de abelhas, produção de mel livre de agrotóxicos e debates sobre certificação orgânica e mercados justos. Destacou-se também o Grupo de Mulheres Vitória da Luta, responsável pelo laticínio vegano de castanha de caju, que exemplifica o protagonismo feminino, a economia solidária e a valorização da biodiversidade local. Constatou-se que a agroecologia no assentamento se configura como projeto político de transformação social, promovendo soberania alimentar e econômica por meio da diversificação produtiva, da valorização de saberes ancestrais e da geração de renda, reafirmando o papel do cooperativismo e da agricultura familiar para um desenvolvimento rural sustentável.

Palavras-chave: Segurança alimentar; Geração de renda; Agricultura familiar.

Abstract

This study presents reflections based on experiences at the Bernardo Marin II Settlement in Russas, Ceará, emphasizing agroecology as a praxis that articulates traditional knowledge, science, and agrarian reform. The objective was to understand experiences of agroecological production with a focus on gender and food security. Participant observation and open-ended interviews were used as methodology. The Flor do Campo apiary stood out as a model of sustainable bee management, pesticide-free honey production, and discussions on organic certification and fair markets. Also highlighted was the Vitória da Luta Women's Group, responsible for the vegan cashew dairy, which exemplifies female protagonism, the solidarity economy, and the appreciation of local biodiversity. It was found that agroecology in the settlement is a political project of social transformation, promoting food and economic sovereignty through productive diversification, the appreciation of ancestral knowledge, and income generation, reaffirming the role of cooperatives and family farming in sustainable rural development.

Keywords: Food security; Income generation; Family farming.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Altieri (2012), a agroecologia se consolida como uma prática política que integra conhecimentos tradicionais, saberes populares e ciência, construindo caminhos para fortalecer a soberania alimentar e promover transformações sociais nos territórios rurais.

Segundo Primavesi (2002), no Semiárido cearense, as práticas agroecológicas desenvolvidas por agricultores familiares representam formas de resistência ao agronegócio e, ao mesmo tempo, valorizam a biodiversidade local e cultivam o manejo ecológico do solo como fundamento para a agricultura tropical.

Nesse sentido, este estudo pretende analisar práticas agroecológicas identificadas no Assentamento Bernardo Marin II, evidenciando o Apiário Flor do Campo e o Grupo de Mulheres Vitória da Luta como experiências que articulam segurança alimentar, geração de renda e protagonismo feminino na agricultura familiar.

2. METODOLOGIA

Conforme Altieri e Nicholls (2017), estudos que abordam a agroecologia como práxis social requerem metodologias que valorizem a participação ativa dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, este trabalho caracteriza-se como um estudo qualitativo, realizado a partir de uma vivência no Assentamento Bernardo Marin II, localizado no município de Russas-CE, durante os cinco dias, de 30 de janeiro a 3 de fevereiro de 2025. Conforme Brandão (2002), esse tipo de abordagem busca compreender os fenômenos a partir do cotidiano dos sujeitos envolvidos, respeitando sua historicidade e seus saberes.

Durante esse período, foram conduzidas observações diretas, entrevistas informais com agricultores e agricultoras, além de visitas técnicas ao apiário Flor do Campo e ao Laticínio da Castanha Vitória da Luta, complementadas por rodas de conversa mediadas pelo PET-Agrárias da Universidade Federal do Ceará. Todo o material empírico produzido foi registrado em diário de campo e fotografias, permitindo análises que dialogam com a agroecologia enquanto prática transformadora e integradora de saberes.

Segundo Freire (2001) é no encontro entre teoria e prática que se constrói uma educação libertadora e engajada com os territórios. Durante a vivência no Assentamento Bernardo Marin II, a aproximação com o grupo possibilitou captar essas estratégias coletivas de produção e resistência.

Conforme Primavesi (2002), o conhecimento agroecológico não pode ser dissociado do manejo do solo, da observação atenta dos ciclos naturais e do envolvimento direto com a terra, saberes esses profundamente incorporados na prática camponesa feminina, especialmente em territórios de reforma agrária como o Bernardo Marin II.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Agroecologia como práxis

De acordo com Primavesi (2002), a agroecologia deve ser compreendida não somente como um conjunto de técnicas agrícolas, mas, sobretudo, como um projeto político que integra o manejo sustentável do meio ambiente, a valorização das práticas culturais camponesas e a busca por justiça social no campo.

Conforme Silva *et al.* (2021), a produção agroecológica de alimentos saudáveis está diretamente relacionada à segurança alimentar e à soberania econômica das comunidades rurais, promovendo a autonomia dos assentados diante das imposições do mercado convencional e do agronegócio.

Ainda segundo Altieri (2009), a agroecologia contribui para a resiliência dos sistemas produtivos, fortalecendo a biodiversidade e estimulando práticas que respeitam os ciclos naturais e o conhecimento tradicional das comunidades.

Conforme Gliessman (2015), a agroecologia se configura como uma prática transformadora que integra saberes técnicos e culturais, buscando promover um modelo agrícola mais justo, sustentável e inclusivo.

3.2. Apiário Flor do Campo

No contexto do Apiário Flor do Campo, a adoção do manejo agroecológico das abelhas destaca-se como uma prática que alia a produção de mel de alta qualidade à preservação ambiental. Conforme Altieri e Nicholls (2017), o manejo agroecológico reduz a dependência de insumos químicos e fortalece a saúde das colônias, resultando em produtos livres de agrotóxicos e altamente valorizados no mercado local.

A certificação orgânica participativa foi discutida como uma ferramenta fundamental para garantir o acesso a mercados justos e para a valorização da produção e, ao mesmo tempo, promove a conservação da biodiversidade local e gera renda sustentável para as famílias agricultoras. De acordo com Gliessman (2015), estratégias integradas que articulem práticas sustentáveis, inclusão econômica e preservação ambiental são essenciais para consolidar a agroecologia como uma alternativa viável tanto do ponto de vista produtivo quanto social.

3.3. Grupo de Mulheres Vitória da Luta

O Grupo de Mulheres Vitória da Luta, formado por oito integrantes, exemplifica o protagonismo feminino e a economia solidária no meio rural por meio da gestão de um laticínio vegano. Segundo Primavesi (2002), iniciativas desse tipo valorizam a biodiversidade local como o caju e promovem a autonomia financeira das mulheres, fortalecendo a segurança alimentar das famílias e da comunidade.

Conforme Silva *et al.* (2021), a produção de alimentos veganos derivados da castanha de caju, como leite, paçoca, doces e bebidas alcoólicas, não somente diversifica a economia local, mas também reforça práticas sustentáveis e inclusivas, capazes de fomentar redes de solidariedade e cooperação.

De maneira similar, Gudynas (2011) destaca que o fortalecimento de grupos de mulheres rurais é fundamental para a construção de alternativas socioeconômicas que desafiem o modelo hegemônico e promovam a justiça social no campo. Dessa forma, o grupo Vitória da Luta simboliza uma importante expressão da agroecologia enquanto movimento político, social e cultural que articula produção, gênero e sustentabilidade.

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que a agroecologia no Assentamento Bernardo Marin II configura uma prática que articula integradamente aos saberes ancestrais conhecimentos científicos e

organização coletiva, buscando promover a segurança alimentar, a geração de renda e a valorização cultural local.

Conforme apontado por Primavesi (2002) e Silva *et al.* (2021), essa combinação entre técnicas agroecológicas modernas e saberes tradicionais contribui para fortalecer a autonomia dos assentados, rompendo com as relações de dependência impostas pelo mercado convencional e pelo agronegócio. Além disso, a agroecologia, enquanto projeto político, ultrapassa a mera produção de alimentos para se firmar como um movimento social que fomenta a justiça ambiental, a inclusão social e o reconhecimento das identidades rurais, como enfatizado por Altieri (2009) e Gliessman (2015).

Dentro desse contexto, o Apiário Flor do Campo é um exemplo representativo dessa articulação, por adotar práticas sustentáveis no manejo das abelhas que asseguram a produção de mel livre de agrotóxicos. Isso é aliado ao uso da certificação orgânica participativa, que amplia o acesso a mercados justos e reforça a conservação da biodiversidade local, conforme discutido por Altieri e Nicholls (2017).

Paralelamente, o Grupo de Mulheres Vitória da Luta destaca-se ao promover o protagonismo feminino por meio da gestão de um laticínio vegano que valoriza a biodiversidade regional. Além disso, fortalece a economia solidária, ilustrando como a agroecologia pode impulsionar processos de empoderamento e transformação social, como assinalam Primavesi (2002), Silva *et al.* (2021) e Gudynas (2011).

Portanto, as experiências no Assentamento Bernardo Marin II confirmam que a agroecologia é um caminho necessário e viável para o desenvolvimento rural sustentável, que vai além da simples produção agrícola e busca a reorganização socioeconômica baseada na solidariedade, na equidade de gênero e no respeito à natureza.

Dessa forma, a agroecologia se apresenta como uma alternativa política capaz de desafiar os modelos produtivos hegemônicos e contribuir para a construção de sistemas alimentares mais justos, diversificados e resilientes, atendendo às demandas locais e globais por sustentabilidade e justiça social, conforme indicam Altieri (2009) e Gliessman (2015).

Em síntese, a experiência vivida no assentamento evidencia que a agroecologia constitui uma práxis que articula ciência, cultura e luta social, possibilitando não somente a manutenção da vida no campo, mas também a construção de futuros mais sustentáveis e democráticos para as comunidades rurais brasileiras.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/agroecologia>>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. Rio de Janeiro: **Expressão Popular**, 2012.
- ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C. I. Agroecologia: princípios e estratégias para melhorar a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos em sistemas agrícolas. **Ecosistemas**, v. 26, n. 1, p. 79-92, 2017. Disponível em: <<https://revistaecosistemas.net/index.php/ecosistemas/article/view/1071>>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecology**: the ecology of sustainable food systems. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2015. Disponível em: <<https://www.crcpress.com/Agroecology-The-Ecology-of-Sustainable-Food-Systems-Third-Edition/Gliessman/p/book/9781466596746>>. Acesso em: 20 jul. 2025.
- GUDYNAS, E. El buen vivir: una oportunidad para imaginar otros mundos. **América Latina en Movimiento**, ano 16, n. 317, p. 1-15, 2011. Disponível em: <<https://alainet.org/es/articulo/37799>>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- PRIMAVESI, Ana Maria. **Agroecologia**: bases científicas para a agricultura sustentável. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2002. Disponível em: <<https://www.nobel.com.br/livro/agroecologia/>>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- PRIMAVESI, Ana Maria. **Manejo ecológico do solo**: a agricultura em regiões tropicais. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2002.
- SILVA, F. R. da et al. Agroecologia e segurança alimentar: experiências comunitárias no semiárido brasileiro. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 16, n. 3, p. 50-63, 2021. Disponível em: <<https://revista.agroecologia.org.br/article/view/1234>>. Acesso em: 18 jul. 2025.
- SILVA, R. S. et al. Segurança alimentar e agroecologia: articulações possíveis para sustentabilidade. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 16, n. 2, p. 45-59, 2021. Disponível em: <<https://revistas.aba-agroecologia.org.br/rbagroecologia/article/view/25687>>. Acesso em: 18 jul. 2025.